

INCIDENTE EM ANTARES: VIOLÊNCIA E LIBERDADE NA REPRESENTAÇÃO FICCIONAL DE ERICO VERÍSSIMO

INCIDENTE EM ANTARES: VIOLENCE AND FREEDOM IN ERICO VERÍSSIMO'S FICTIONAL REPRESENTATION

Maria Isabel Azevedo Assis¹

RESUMO: Este trabalho aborda a obra de Erico Veríssimo, *Incidente em Antares*, a partir da observação de seus aspectos históricos, nomeadamente aqueles que remetem a um período marcado pela violência - a ditadura militar brasileira. Pretende-se investigar, tomando por contraponto o texto não-ficcional *Dos filhos desse solo: mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar: a responsabilidade do Estado*, de que forma a violência está representada no texto de Veríssimo e como o autor posiciona-se a respeito de temas tão latentes na sociedade contemporânea, como a prevalência da violência sobre o direito à vida e à liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: *Incidente em Antares*. Violência. História. Liberdade.

Introdução

Incidente em Antares, obra do escritor gaúcho Erico Veríssimo, embora escrita nos anos 70, maneja assuntos pertinentes à sociedade atual – a violência para coibir posicionamentos ideológicos divergentes, a restrição de direitos individuais, o abuso de poder, etc. Embora o texto seja construído sobre recursos ficcionais definidos, como o uso do elemento fantástico, o riso, e ironia e o sarcasmo, seu alicerce-base é a realidade.

O autor mostra-se atento aos rumos de sua sociedade e procura, através de um olhar apurado, enxergar os fatos obscuros com a intenção de denunciá-los. Para melhor compreender a visão de Veríssimo e para observar seus posicionamentos, faz-se necessária uma retomada do período histórico em que sua obra constitui-se. A presente pesquisa, inicialmente, retoma o contexto em que o escritor produz a fim de perceber como a realidade

¹ Maria Isabel Azevedo Assis é mestre em Estudos Lusófonos pela Universidade de Évora – Portugal. Atua como professora nas redes estadual e municipal no Rio Grande do Sul, Brasil. Email de contato: isabel6360@hotmail.com

sócio-política torna-se matéria para a ficção. A partir dessa volta, o estudo investiga de que modo Veríssimo lida com os aspectos históricos e com a atualidade. A obra *Dos filhos desse solo: mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar: a responsabilidade do Estado*, que traz relatos verídicos ocorridos com vítimas da violência ditatorial, também será estudada no intuito de reforçar a afirmativa de que o texto do escritor gaúcho é profundamente alusivo ao período histórico que abrange. Como será possível verificar, ao refletir sobre fatos nebulosos de nossa história, o autor revela sua posição diante do tema violência e abre caminhos para a discussão do texto ficcional e da própria história.

O escritor, a História, a criação literária

O período em que se dá a produção literária de Erico Veríssimo coincide com um momento de grandes transformações políticas, sociais e ideológicas no Brasil e no mundo. Pensar a sua obra dentro de um contexto histórico permite que se compreenda melhor suas próprias motivações e posicionamentos.

No plano nacional, já no início do século XX, começam a desenhar-se importantes mudanças no cenário político e sócio-cultural - mudanças essas que principiam com a transição do período em que a Monarquia finda e proclama-se a República.

A chamada República Velha estende-se de 1889 até a Revolução de 1930, com a deposição do Presidente Washington Luís e posse de Getúlio Vargas. Esse Presidente governa o país em momentos distintos: 1930 a 1934, no Governo Provisório; 1934 a 1937, no Governo Institucional, e 1937 a 1945, no chamado Estado Novo, quando é eleito pelo Congresso Nacional. Mais tarde, por meio de voto popular direto, governa de 1951 a 1954.

Conforme Edgar Carone (1980), em 1945, com a deposição de Getúlio Vargas do poder, após anos de ditadura do Estado Novo, assume José Linhares, Presidente do Supremo tribunal Eleitoral, até a posse do novo presidente, Eurico Gaspar Dutra. A volta de Getúlio ao poder, em 1951, não põe fim ao período político conturbado, já que seu governo sofre um significativo abalo após denúncias de que o Presidente teria sido o mentor do atentado realizado contra o jornalista Carlos Lacerda. Em 1954, as inúmeras pressões que vinha recebendo para renunciar levam Vargas ao suicídio.

Passam pela Presidência, após a morte de Getúlio Vargas, João Café Filho e Nereu Ramos, até que, em 1956, é eleito Juscelino Kubitschek. O governo de Kubitschek é marcado não só por muito desenvolvimento econômico e social, mas também por ondas de golpes.

Em 1961, chega ao poder Jânio Quadros, antevendo-se uma administração bem-sucedida. Contudo, acaba por tornar-se em um governo estagnado em decorrência de políticas conservadoras e que não atendem às necessidades das classes populares. Ainda em 1961, Jânio Quadros renuncia, deixando a Presidência a Ranieri Mazzilli, então Presidente da Câmara dos Deputados. Apesar de numerosa oposição, em sete de agosto do mesmo ano, assume João Goulart, o Vice-Presidente. Acusado de ser incentivador de agitações nos meios sindicais, Goulart repete um governo de dependência financeira de capitais externos e problemas sociais. Acuado por pressões dos militares, o então Presidente abandona o Palácio das Laranjeiras – sede do Governo – parte para Porto Alegre e, em seguida, para o Uruguai.

O período que vai de 1961 a 1965 é marcado por instabilidade política, uma vez que passam pela administração do Brasil três presidentes – Jânio Quadros, João Goulart e Humberto Castelo Branco. É um ciclo de crises e turbulências. Todavia, em 1964, o golpe militar destitui Goulart do poder, instalando-se novamente a ditadura. Pontua-se a História do Brasil de uma sucessão de fatos nebulosos.

De acordo com Élio Gaspari (2000) e Hélio Ribeiro da Costa (1975), entre o período de 1964 a 1967 são instituídos quatro Atos Institucionais no país, os quais preveem a cassação de mandatos e direitos políticos, perseguição e repressão aos movimentos estudantis. Entre 1968 e 1972, intensifica-se a ditadura, apertando ainda mais o cerco contra os opositores do sistema então vigente. Diante de tal quadro social, diversos estudantes, jornalistas, políticos e artistas são exilados, ou ainda, torturados e mortos.

Em 1968, com o AI5 (Ato Institucional Número Cinco), o Governo garante a si poder absoluto e, em 70, através de um decreto-lei, institui-se a censura prévia no país.

Em 1972 assume a Presidência o General Arthur da Costa e Silva. Em seguida, torna-se presidente o General Emílio Garrastazu Médici. Ao fim de seu mandato, em 1974, Ernesto Geisel chega ao poder. Esse ano também pode ser lembrado por novos atos de sequestros, tortura e morte. Em 1977, o cenário político começa a mudar com o surgimento de uma onda de manifestações populares em posição contrária à ditadura. Agitações, greves e resistência

tornam-se mais frequentes, ainda que tais atos levem centenas de pessoas aos porões da polícia.

O regime militar, contudo, entra em declínio em 1978. Em 1979, a lei de anistia possibilita o regresso de diversos políticos e intelectuais que haviam sido exilados. O ano de 1984 é marcado pelo encontro de milhares de cidadãos na Praça da Sé em São Paulo para exigir eleições diretas, o que finalmente é aprovado pelo Congresso em 1985.

É dentro desse contexto histórico que Erico Veríssimo desenvolve a sua obra. Dono de uma criação bastante diversificada – contos, romances, novela, literatura infanto-juvenil, narrativas de viagem, autobiografias e ensaios – o escritor gaúcho, de 1930 a 1970, produz intensamente. Apesar de diversa, sua obra é alvo de inúmeras críticas. Na década de 30, durante o governo getulista, Erico sofre discriminação e isolamento por parte dos intelectuais envolvidos e deslumbrados pelo poder ufanista ditatorial de Vargas.

Também em 1937, depois de ter sido obrigado a submeter previamente ao DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo), as histórias que apresentava em um programa de rádio, Erico decide por terminar sua participação no programa, já que não concorda com a atitude repressiva a ele imposta.

Luis Fernando Veríssimo, filho do escritor, em entrevista cedida à Revista do Instituto Humanitas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – salienta que, muito embora tenha sido exigido de Erico uma posição menos esquerdista por aqueles que apoiavam a direita e, contrariamente, uma conduta absolutamente esquerdista por quem defendia a esquerda, o que realmente pode ser evidenciado no escritor cruz-altense é a coerência em seu comportamento, princípios e ideais: “Ele foi chamado de esquerdista demais pela direita e de insuficientemente esquerdista pela esquerda. Acho que estava na posição certa” (Veríssimo, 2005, p. 10).

Na década 40, há novas indisposições em relação à sua obra, mas dessa vez, a Igreja é que se opõe ao escritor. Com *O Resto é Silêncio*, publicado em 1942, a Instituição Católica ataca, afirmando que a obra é nociva à sociedade, já que vai contra à boa moral.

Se é verdade que a produção literária de Veríssimo é, por diversos momentos, rechaçada, é também bastante aceita e lida em todo país. Ainda assim, até a sua morte, a crítica literária é incapaz de dar a devida importância à sua obra, tanto a nível regional como na esfera nacional e internacional.

O escritor, ao mesmo tempo em que finca os pés na sua terra, tem uma visão universalista e um olhar antenado nos rumos da literatura de vanguarda. Sobretudo, está centrada na criação de Veríssimo a figura do ser humano, que tem, em toda a extensão de sua obra, primazia. No romance histórico ou urbano, Erico arquiteta vidas,

derruba a imagem do centauro dos pampas, idealizada pelos românticos e inspirada nos cavaleiros medievais [...], enfatizando os aspectos contraditórios que compõem a personalidade de qualquer ser humano e que, nos poderosos, podem levar à corrupção e ao desmando (Bordini, 2005, p. 15).

Na construção de personagens, Erico busca enfatizar aquelas de densa caracterização ideológica; procura retratar o herói dos pampas, desmistificando-o pela revelação de seus vícios e fraquezas; destaca as personagens femininas, dotadas de força e resignação singular; aborda as relações familiares e suas problemáticas, e examina, com um olhar clínico, a sociedade de seu tempo, fazendo uso de recursos literários - como a sátira e a paródia - para compor sua crítica. Especialmente, faz passar pelo corpo literário que constrói, o homem, e este como ser pleno do direito inalienável à liberdade e à justiça.

Apesar de Erico Veríssimo ter sido, por diversos momentos, criticado por apresentar uma posição política ou partidária reticente, sua visão aguçada sobre seu tempo é incontestável. Empenha-se em trazer como temática as mazelas sociais que o Brasil e ainda, o mundo, enfrentam no período em que se dá sua produção artística. Em entrevista ao *Jornal Correio do Povo* em 1966, Erico deixa transparecer a visão humanística que sempre o norteou enquanto escritor e homem: “Precisamos, os que escrevemos, pensamos ou ensinamos, convencer o mundo de que o verbo mais importante não é comprar nem vender, mas sim amar” (Veríssimo, 1966, s.p).

A obra de Veríssimo, sobretudo após sua morte, tem recebido uma maior notoriedade nos meios acadêmicos e no contexto dos estudos literários. Cada vez mais, surgem, sobre seus textos, pesquisas abrindo passagem ao desvendar de inúmeros caminhos e possibilidades investigativas.

Enquanto escritor e diante de um tempo obscuro e repleto de incertezas, Erico prefere, ao invés de simplesmente criar modelos estéticos literários, fazer de sua obra um ponto de luz:

Sempre achei que o menos que um escritor pode fazer, numa época de violência e injustiças como a nossa, é acender sua lâmpada [...]. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto (VERÍSSIMO, apud CHAVES, 1972, p. 9).

A representação da violência em *Incidente em Antares*

Erico Veríssimo demonstra, por aquilo que produz em termos de matéria literária e pelos posicionamentos que defende, uma profunda inquietação diante de seu tempo e sociedade. Para ele, a condição primordial para a criação artística reside na liberdade de imaginar, refletir e expressar.

Ainda no período da ditadura varguista, o escritor gaúcho refuta com veemência qualquer tipo de submissão ao regime autoritário instalado no Brasil. Anos mais tarde, quando o país vive sob a guarda da ditadura militar, Erico resolve aventurar-se em uma literatura fantástica para que, utilizando-se de sua inverossimilhança, possa tornar-se livre para observar a realidade e criticá-la. Seu declarado interesse pelo homem enquanto ser dotado de direitos que lhe são inalienáveis é tão evidente, que em sua obra os próprios mortos anseiam por justiça, buscando desmascarar a falsidade social. Nesse sentido, *Incidente em Antares* é uma obra que, como poucas, foi capaz de abarcar as diversas faces da opressão da ditadura na sociedade brasileira.

Sempre contrário a qualquer tipo de limitador dos direitos humanos, o escritor brasileiro, desde muito jovem, demonstra-se preocupado com a questão da violência e da supressão das prerrogativas de justiça e paz. É ainda na infância que sua consciência humanística aflora:

Muitas de minhas lembranças fundamentais estão enraizadas naquela farmácia. Lembro-me que um dia, foi arrastado para a sua sala de curativos um desconhecido de origem pobre, espancado pela polícia. Fui chamado – eu tinha onze anos – para segurar a lâmpada enquanto se faziam os curativos [...]. Naquela noite, nasceu em mim o sentimento de justiça, de repugnância pela violência, que me domina até hoje. (VERÍSSIMO, apud CHAVES, 1972, p. 8).

Em uma época de censura, Veríssimo propõe uma criação literária em que, ironicamente, a voz que denuncia seja aquela que não pode ser calada, isto é, a voz dos mortos. Está, pois, na obra, as temáticas da cultura e tradição do autoritarismo, a falsa moral e a coação como meio de silenciar o povo.

De acordo com Antonio Carlos Fon, na década de 60, diversos atos contraventivos foram legitimados pela Escola Superior de Guerra (ESG) que, através de seus órgãos de atuação, como a chamada “Operação Bandeirantes”, regia-se pela seguinte premissa: “Prender, torturar, matar, tudo é permitido para defender a segurança nacional.” (Fon, 1979, p. 27). Sob os auspícios desses órgãos, inúmeras pessoas sofreram as mais desmedidas barbáries, pois, calcada no falso pretexto de interrogá-las, a política torturava e espancava seus intimados.

O painel inventivo que se encontra em *Incidente em Antares* é profundamente alusivo ao período da história do Brasil em que a ditadura militar passa a vigorar. Nesse sentido, a personagem João Paz é o mais fiel espelho dos eventos realizados pelo governo ditador, uma vez que a polícia de Antares usa de métodos arbitrários para uma alegada ordem social. Como podemos ler, a realidade está bem retratada na obra fantástica de Veríssimo:

- Mas o interrogatório continua...Vem então a fase requintada. Enfiam-lhe um fio de cobre na uretra e outro no ânus e aplicam-lhe choques elétricos. O prisioneiro desmaia de dor. Metem-lhe a cabeça num balde d'água gelada, e uma hora depois, quando ele está de novo em condições de entender o que lhe dizem e de falar, os choques elétricos são repetidos ... (VERÍSSIMO, 2005, p. 329-330).

É possível notar a estreita relação entre a realidade e a ficção. Tal afirmativa confirma-se quando se analisa, por exemplo, os relatos dispostos em *Dos filhos desse solo: mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar: a responsabilidade do Estado*. Nele, há a descrição de vários casos verídicos de tortura contra cidadãos brasileiros.

Dentre os casos expostos, a história de José Milton Barbosa é profundamente semelhante à estória de João Paz. Como este, José Milton foi assassinado pela repressão política em 5 de dezembro de 1971, quando ele e sua companheira, Linda, grávida de dois meses, foram perseguidos. Após sua morte, o laudo da necropsia foi forjado, e sua morte, segundo o médico legista, teria sido causada por um edema e anemia do encéfalo. O que, todavia, não se computou foram os diversos hematomas e escoriações no corpo da vítima:

“São visíveis lesões no mento, nariz, canto do olho esquerdo, queixo e testa – nenhuma dessas lesões está descrita no laudo.” (Miranda, Tiburcio, 1999, p. 65-66). Assim como nos acontecimentos reais ora narrados, João Paz tinha sua esposa grávida quando foi assassinado. Também na criação de Veríssimo a polícia política encontrou meios fraudulentos para camuflar a *causa mortis*: “- [...] Por que não transportar urgentemente o corpo para o Hospital Salvador Mundi, às escondidas, e lá simular uma morte ‘natural’? [...]” (Veríssimo, 2005, p. 330).

Se, porém, naqueles anos de chumbo muitos fatos permaneceram secretos, no texto ficcional do escritor brasileiro os mortos estão livres para denunciar sem qualquer ponderação. Do coreto da praça a atuação da polícia está visível no corpo sem vida de João Paz:

- Estão vendo esse olho quase fora de órbita? – perguntou Cícero Branco. – Parece um ovo de codorna..., sim, e esse sangue coagulado que tem por cima lembra *ketchup* seco ...Se me perdoam pelo mau gosto da metáfora, as pálpebras e a pele ao redor dos olhos de Joãozinho lembram uma folha de repolho roxo. (VERÍSSIMO, 2005, p. 329).

Está presente no discurso metafórico da personagem a profunda destreza com que o autor busca tocar a realidade. À luz do tom satírico, a verdade é manejada de forma a resplandecer sobre a sociedade encoberta por um véu obscuro.

Em *Incidente em Antares*, os mortos desmascaram as condutas torpes, já que estão imunes à violência dos algozes da cidade. Como se lê, as palavras da personagem Barcelona indicam essa nova condição: “[...]. Sou um defunto legítimo e portanto estou livre da sociedade capitalista e dos seus lacaios [...]” (VERÍSSIMO, 2005, p. 250).

A visão de Erico Veríssimo em relação aos problemas da sociedade brasileira é de caráter sumamente crítico, já que pretende atingir os pilares sobre os quais esta se sustenta. Sua posição de negativa a toda espécie de violência e injustiça parece ser o norte para onde aponta sua criação imaginativa.

Ainda citando o texto de Antonio Carlos Fon, podemos vincular a obra do escritor gaúcho à panorâmica realista. Conforme relata o autor de *Tortura: a história da repressão política no Brasil*, ele próprio esteve debaixo da tutela da “Operação Borracha” em São Paulo.

De acordo com Fon, havia nas dependências daquele órgão um capitão de nome Roberto Pastuschka, cujo comportamento era peculiar. Durante o dia, o militar praticava

tortura contra os presos e, à noite, trazia-lhes bíblias no intuito de conduzir suas almas à salvação: “Eu trago a palavra de Deus, [...], mas para quem se recusa a ouvi-la, eu uso esta outra linguagem.” (Fon, 1979, p. 12). O seu discurso completava-se com uma outra forma “comunicativa”, ou seja, sua arma calibre 45.

É, sem dúvida, em oposição a esse tipo de realidade que Erico Veríssimo se coloca ao desenvolver uma narrativa pretensamente satírica, crítica e desmistificadora. Para além das páginas do romance de ficção, o autor de *Incidente*, enquanto homem inserido em uma sociedade tacanha, vaticina seus princípios fundadores: “Sempre repeli com horror aqueles que, sob pretexto de nos salvarem a alma, querem queimar-nos o corpo. Não aceito a ideia de que os fins justificam os meios.” (VERÍSSIMO apud CHAVES, 1972, p. 13).

A repulsa do escritor às diversas formas de privação da liberdade, e a ânsia para que a justiça prevaleça sobre as perversidades é o vetor que dá o ponto de partida para a criação fantástica de *Incidente em Antares*.

Conclusão

Este estudo buscou investigar a representação da violência na obra *Incidente em Antares*, de Erico Veríssimo. Como foi possível perceber, o autor cria um texto de cunho sumamente fantástico para que, a partir de elementos literários, pudesse refletir sobre o tema violência, particularmente aquela praticada durante a ditadura militar no Brasil.

A compreensão dos laços entre história e literatura, nessa pesquisa, se deu com a retomada do contexto histórico em que a obra de Veríssimo concretiza-se. Estudar o período em que o autor produz permitiu notar que, em Erico Veríssimo, a História serve de matéria para a criação literária. É, na verdade, a atualidade histórica que impulsiona o autor a posicionar-se ante seu tempo e sociedade.

Incidente em Antares mostra-se uma obra em que o autor aborda a violência e a injustiça social de forma desmistificadora e corajosa. Ao observar os relatos que se encontram em *Dos filhos deste solo*, pode-se verificar que o texto ficcional de Erico faz alusão clara aos casos de abuso ocorridos na ditadura militar. A postura do escritor é aquela que busca delatar os atos arbitrários— isto é — o de repulsa a qualquer intento contra a vida e a liberdade.

A problematização da violência em *Incidente em Antares*, finalmente, é questão central, pois o autor faz mobilizar os mecanismos literários para abordar a temática e assim discuti-la e criticá-la de forma objetiva e contundente. Para Erico, mais que contar histórias, o escritor contemporâneo deve preocupar-se com a violência em suas diversas manifestações e posicionar-se como um agente que contribui para a manutenção da paz.

ABSTRACT: This paper approaches Erico Veríssimo's work, *Incidente em Antares*, through the observation of its historical aspects, namely those which refer to a period marked by the violence – the Brazilian military dictatorship. It intends to investigate, taking as a counterpoint the non-fictional text *Dos filhos desse solo: mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar: a responsabilidade do Estado*, how the violence is represented in Veríssimo's work and how the author places himself concerning the matters so latent in the contemporary society, as the prevalence of the violence upon the right of life and freedom.

KEYWORDS: *Incidente em Antares*. Violence. History. Freedom.

REFERÊNCIAS

BORDINI, Maria da Glória. *Criação Literária em Erico Veríssimo*. Porto Alegre: L&PM/EDIPUCRS, 1995.

CARONE, Edgard. *A quarta república: 1945-1964*. São Paulo: Corpo e Alma do Brasil, 1980.

CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária em Erico Veríssimo*. Porto Alegre: Globo, 1972.

EURICO Gaspar Dutra. Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Eurico_Gaspar_Dutra. Acesso em: 13 ago. 2009.

FON, Antonio Carlos. *Tortura: a história da repressão política no Brasil*. São Paulo: Global, 1979.

GASPARI, Elio. *A ditadura derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GETÚLIO Vargas. Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Get%C3%BAlio_Vargas. Acesso em: 13 ago. 2009.

MIRANDA, Nilmário; TIBÚRCIO, Carlos. *Dos filhos deste solo: mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar: a responsabilidade do Estado*. São Paulo, Boitempo, 1999.

Revista Literatura em Debate, v. 7, n. 12, p. 150-160, jul. 2013. Recebido em: 18 jun. 2013. Aceito em: 30 jul. 2013.

SILVA, Helio Ribeiro da. *1964: Golpe ou contragolpe?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

VERÍSSIMO, Erico. Entrevista. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 out. 1966.

_____. *Incidente em Antares*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Em toda a sua obra está realçada a primazia da pessoa. *Revista do Instituto Humanitas*, São Leopoldo, UNISINOS, set. 2005.